



NOTAS SOBRE O CONCEITO RODRIGUIANO DE EDUCAÇÃO POPULAR

Brennan Cavalcanti Maciel Modesto ¹

INTRODUÇÃO

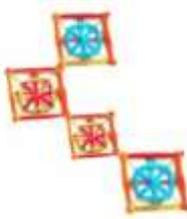
Simón Rodríguez é um nome icônico na história da América latina. De pronto seu nome é ligado com o do Libertador, Simón Bolívar. Deste, Rodríguez foi professor durante a infância, talvez o motivo principal da popularidade de seu nome. As análises sobre Rodríguez, via de regra, limitam-se a referencia-lo enquanto “o mestre do Libertador”, deixando de lado suas frutuosas contribuições para os processos revolucionários ocorridos na América e, sobretudo, suas reflexões de caráter pedagógico e filosófico.

Desta questão, surge a demanda de investigar em que consiste suas reflexões. Afinal, se lhe reputam direta influência na formação daquele que viria a libertar a América, contribuições de alguma maneira relevantes devem haver em suas produções conceituais. Bem como, analisar perspectivas educacionais e filosóficas não europeias é fator determinante para a descentralização das noções de conhecimento. Indo conforme uma perspectiva decolonial de pensamento.

Para tanto, a análise parte da distinção traçada por Durán (2016) entre duas fases do pensamento de Rodríguez, a saber, juventude e a maturidade. É bem verdade que durante a juventude, Rodríguez escreveu sobre educação, mais propriamente sobre os defeitos e incongruências encontradas nas escolas então presentes na Caracas de 1794, quando tinha ainda por volta de 4 ou 5 anos dedicados à docência.

Todavia, a originalidade de sua obra aparece em sua maturidade, onde desenvolve um pensamento original, uma perspectiva peculiar sobre o que é e como deve estruturar-se a educação, tendo em vista um ideal sócio-político de república. A esta chamamos Educação Popular, apontado enquanto eixo central de sua obra.

¹ Mestrando Profissional do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá, brennancmm@gmail.com;



Nestes termos, a análise do escrito “Manifesto por uma escola Filosófica Popular” de autoria de Maximiliano Durán e Walter Kohan (2018), que versa sobre a natureza das concepções pedagógicas de Simón Rodríguez será o marco principal de nossa reflexão.

De modo que o presente escrito intenciona avaliar o modo com que se organiza a totalidade de sua obra, em torno da Educação Popular. Ou seja, que paralelo pode ser traçado entre essa noção e a formação recebida por Bolívar; quais seus entrelaces com os processos revolucionários ocorridos na América Latina, que resultaram em sua independência e qual projeto de sociedade está implícito em sua obra.

METODOLOGIA

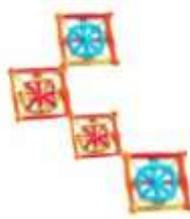
O presente escrito é fruto de revisão de literatura. Esta se deu por dupla via, coadunando diferentes maneiras de se produzir filosofia. Por um lado, emprega-se análise lógica e gramatical dos argumentos e construções conceituais dos autores; por outro, aplica-se uma análise genética das perspectivas apresentadas. De modo a utilizar os principais artifícios das tradições analítica e continental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme supracitado, é consensual que Rodríguez seja um pensador autônomo e original, tendo desenvolvido teses de natureza filosófica e pedagógica. Todavia, implica-se que estas diferem do horizonte iluminista, como usualmente aponta-se. Numa contraposição entre suas teses sobre a Educação Popular e a perspectiva rousseauiana de Educação Natural é possível compreender a incongruência entre ambas.

O filósofo genebrino compreende, em linhas bastante gerais, que uma formação que diste da degradação geral da moralidade ocasionada pelo advento da propriedade privada; o marcador do surgimento das desigualdades morais ou políticas entre a humanidade, até então marcada por desigualdades naturais. Isto é, desigualdades “congenitas”.

Em contrapartida, a concepção de Rodríguez é centrada na superação de um estado material, ou seja, é um ideal revolucionário. Na verdade, ainda que hajam



similitudes entre suas relação com Bolívar e a narrativa contida no Emílio, Rodríguez não limita-se à exegese da obra de Rousseau.

A publicação de sua obra Reflexões sobre os defeitos que corrompem a Escola de Primeiras Letras de Caracas e os meios de alcanças sua reforma por uma nova instituição

A experiência vivida em 1824, quando Rodríguez respondia por uma posição análoga ao nosso ministério da educação, na então cidade de Chuquisaca (atual Sucre, Bolívia) é um retrato deveras fidedigno da perspectiva original trazida por Rodríguez. Aqui o pensador demonstra a totalidade de seu projeto inventivo. A potência de suas reflexões se dá não só nos aspectos metodológicos trazidos pelo autor mas no substrato teórico por trás de suas posturas.

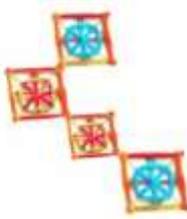
Rodríguez compreende que a América foi sim liberta por Bolívar. No entanto, apenas de maneira parcial. As vias bolivarianas foram militares e visavam, sobretudo, uma libertação econômica, uma independência em termos financeiros da situação de colônia. De certo modo, substituindo uma elite por outra: a elite colonial é deposta em detrimento de uma elite *criolla*, natural da América.

Ou seja, a revolução não estava completa. Segundo o Sócrates de Caracas, “a América espanhola pedia duas revoluções a um só tempo, a Pública e a Econômica” (RODRÍGUEZ, 2016). E não podendo haver meia revolução, Rodríguez enxerga na educação o caminho para lograr-se êxito nos processos de libertação americana contra o jugo espanhol. Agora nos sentidos social e político.

A Escola Popular se baseia no seguinte princípio: escola para todos porque todos são cidadãos (RODRÍGUEZ, 1999a, I, p. 284). Não reservando espaço para as segregações presentes nas primeiras décadas do século XIX. Na escola popular havia espaço para pessoas de todas as classes, gêneros e etnias (DURÁN, KOHAN, 2018 p. 83).

Se nos dias atuais as elites incomodam-se em dividir espaços que até outrora era restritos à seus pares; naquele momento não era diferente. Compartilhar a escola com negros, mestiços, órfãos e mulheres lhes parecia tão absurdo quanto um filósofo eleata pensar o não ser.

Nestes termos, a Escola Popular subverte a ordem social vigente. Uma ordem, diga-se de passagem, originária da Europa. E que portanto, não mais cabe à uma América livre.



Pode-se dizer que a Escola Popular é fundamentada em 4 princípios bastante peculiares: Irreverência, Comunismo, Hospitalidade e por fim, a Pergunta, que interrelacionam-se. “Irreverência” assume dupla função: literalmente não prestar reverência, isto é, ser avesso à ordem estabelecida guiando-se segundo seus próprios meios e algo que remete à personalidade rodriguiana de “ensinar brincando”.

O comunismo de Rodríguez pouco se assemelha às noções soviéticas, ainda que fosse um socialista declarado. Podemos compreender o comunismo da escola popular enquanto um segundo aspecto de subversão da ordem: isto é, a noção de que, dentro da escola nada nem ninguém pode interferir em sua ordem, todas as produções ocorridas na escola tendo um fim em sua subsistência e manutenção.

Hospitalidade encontra-se num horizonte semelhante aos anteriores; é o princípio de aceitar as diferenças como forma de lutar pela mudança, assim como diz o cancionista da baixada santista e a Pergunta está numa noção de ensinar as crianças a ser perguntonas, assim jamais serão governadas. Ou seja, o exercício desta prática tão comum na infância, buscar as razões pelas quais as coisas acontecem, frutificando na irreverência, assim como no primeiro sentido tratado.

Conforme podemos averiguar abaixo:

OBEDECER CEGAMENTE é o princípio que governa. Por isso existem tantos Escravos – e por isso é Amo o primeiro a querer ser. Ensinem as crianças a serem PERGUNTINAS! Para que, pedindo o POR QUÊ, daquilo que mandarem fazer, acostumem-se a obedecer... à RAZÃO! Não à AUTORIDADE, como os LIMITADOS. Nem os COSTUMES, como os ESTÚPIDOS (Rodríguez, 1999, T.II, p. 27).

No entanto, a escola rodriguiana não para em formar criticamente os cidadãos, mas também assumia a função de lhes ensinar uma ofício, isto é, uma profissão. Assim, não só poderiam contribuir de maneira ativa para o desenvolvimento da nova república como reduz-se à zero o número de pessoas sem renda, anulando a subclasse que Marx chamaria de *lumpen-proletariat*.

É bem verdade que a escola popular fora suprimida de maneira quase instantânea. As elites *criollas*, assim como as coloniais não estavam dispostas a abrir mão de seus espaços de privilégios e as influências políticas e econômicas falaram mais alto que as idealizações de um mero professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Assim, segundo o filósofo caraquenho, a criticidade propiciada por sua pedagogia centrada na pergunta desemboca na capacidade de julgar de maneira autônoma as influências europeias que já integram cada sujeito latino.

Logo, não é um simples renegar de uma perspectiva tão influente na constituição de nossas (e de sua) subjetividades, não é a crença na possibilidade de se reinventar a roda. É a certeza de que restringir-se à tal perspectiva é limitante. Existem “n” fatores a ser postos em debate; influências de matriz africana, dos povos originários da América, em suma, cria-se uma cosmovisão cuja totalidade não pode ser abarcada por um *logos* eurocentrado.

É possível, tendo em vista as perspectivas apresentadas acima, compreender Rodríguez como um dos precursores do pensamento decolonial. No entanto, a centralidade o presente escrito está em vias de demonstrar sua originalidade, bem como pincelar sobre um ideal de sociedade, que embora suprimido num primeiro momento, permanece vivo enquanto horizonte.

Palavras-chave: América Latina, Educação Popular, Revolução, Simón Rodríguez.

REFERÊNCIAS

RODRÍGUEZ, S. **Obras completas**. T.I; T.II. Caracas: Presidencia de la República, 1999.

DURÁN, M. L. **Simón Rodríguez: Uma filosofia de la radical novedad**. Carcas: Ediciones del Solar, 2016.

DURÁN, Maximiliano Lionel; KOHAN, Walter Omar. **Manifesto Por uma Escola Filosófica Popular**. Rio de Janeiro: Nefi Edições, 2018.